



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13525 - Resumo Expandido - Trabalho - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)

ISSN: 2447-2808

GT17 - Filosofia da Educação

Charles Fourier e a educação das crianças: pensar o contemporâneo

Sílvio Donizetti de Oliveira Gallo - UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS

Agência e/ou Instituição Financiadora: CNPq

Charles Fourier e a educação das crianças: pensar o contemporâneo

Resumo

Neste trabalho faz-se um sobrevoo sobre a obra do pensador utopista do século XIX Charles Fourier, visando enfatizar as novidades de sua concepção de educação. Segundo René Schérer, Fourier pensou pela primeira vez uma “infância emancipada”, que se relaciona com o mundo adulto em suas diferenças e peculiaridades, ainda que produzindo projetos comuns. Um processo educativo que não é balizado pela tutela dos adultos sobre os mais jovens, definindo os rumos de suas vidas, mas, ao contrário, realizado a partir dos desejos singulares, embora sempre de modo coletivo. Um projeto educativo desta natureza, jamais realizado, pode ser pensado como inviável e mesmo impossível, mas, por certo, lança interrogantes importantes para pensarmos a educação de crianças e jovens de nosso tempo. Uma filosofia da educação marginal que merece ser resgata e tensionada.

Palavras-chave: Fourier; infância; emancipação; educação

Introdução

Charles Fourier (1772-1837) foi um pensador *menor*, na acepção de Deleuze e Guattari (1980): não desenvolveu estudos acadêmicos; foi um autodidata, que se dedicou ao comércio de tecidos para garantir a sobrevivência. A liberdade do autodidatismo possibilitou-lhe, na contramão da tradição filosófica, pensar o ser humano movido por uma teia de paixões, criando o conceito de *atração passional* como sendo o principal elemento das ações humanas. Foi um dos expoentes do utopismo do início do século XIX, movimento que se caracterizou por criticar a sociedade capitalista e por pensar as bases de uma nova sociedade, propondo ações concretas de transformação.

No bojo de seu pensamento crítico e utopista, Fourier apresentou interessantes considerações sobre a infância e seus papéis no contexto de sua sociedade utópica, por ele denominada “Harmonia”. Pensou também elementos da educação da infância nesta nova sociedade, em

contraposição com a sociedade capitalista, por ele denominada “Civilização”. A educação harmoniana, bem como o conjunto desta organização social, é marcada pela atração passional, centrada no desejo de cada criança singular, sendo um percurso para cada uma, ainda que fosse sempre desenvolvida coletivamente e os múltiplos percursos singulares se transversalizassem em muitos momentos.

O objetivo deste trabalho é o de apresentar os marcos gerais do pensamento de Fourier e suas observações em torno da educação de uma “infância emancipada” (Schérer, 2006). Com isso, pretende-se não apresentar sua perspectiva educativa como modelo para ser colocado em nossos dias, o que estaria totalmente fora de propósito, visto que seguimos vivendo o que ele denominou “Civilização”; mas sim lançar interrogantes para os problemas da educação da infância contemporânea.

Metodologia

Este trabalho é resultado de uma pesquisa teórico-bibliográfica conceitual no campo da Filosofia da Educação, que analisou criticamente a obra de Charles Fourier e de alguns comentadores, notadamente o filósofo René Schérer que, dentre outros temas, privilegiou a problemática educativa no pensamento fourierista. Com base no estudo teórico-conceitual, procurou-se problematizar aspectos do pensamento educativo deste autor para relevar conceitos que possam ser deslocados para pensar aspectos da educação contemporânea, provocando miradas distintas daquelas que são as correntes e hegemônicas.

Análise e discussão dos resultados

Na tradição filosófica, temos uma prevalência da Razão sobre as paixões; Fourier foi o primeiro pensador a reivindicar, de modo radical, as paixões como fundamento da vida e das ações humanas, sendo esta sua maior contribuição teórica. Com base em sua teoria das paixões, pensou a organização social. Sua crítica dirige-se às sociedades passadas e presentes, que não levam em consideração as paixões humanas, e dedica-se a pensar como seria uma sociedade futura, totalmente organizada de modo a permitir que cada ser humano viva de acordo com suas paixões, relacionando-se com os demais de modo a constituir uma sociedade harmônica. À diferença de outros pensadores utopistas de sua época, Fourier não apenas dedicou-se a pensar uma nova sociedade a partir das críticas à sociedade em que vivia, mas desenvolveu toda uma antropologia passional, que se desdobrava em uma cosmologia (sua teoria engloba o universo) e amparava uma sociologia, a planificação de uma sociedade futura que estivesse em acordo com essa base fundada nas paixões.

A organização humana pode conhecer 16 tipos de estruturação social, sendo que as mais importantes são quatro: Barbárie; Selvageria; Civilização (o presente capitalista); Harmonia (o futuro). A etapa da civilização teria se iniciado no século XVI e culminaria com o mundo capitalista burguês do início do século XIX, sendo ela o alvo central de suas críticas, pois em sua visão essa etapa leva às últimas consequências os vícios humanos e produz a miséria, apesar da abundância de produção que se alcança com o sistema industrial.

A sua teoria das paixões é complexa e baseada em uma série de cálculos matemáticos. Há doze paixões radicais cuja composição resulta em uma tipologia de 810 diferentes caracteres humanos. É a atração passional que move as ações humanas e comanda a organização social. A harmonia é o resultado de uma composição das paixões de modo que elas não entrem em contradição umas com as outras, mas promovam um concerto no qual tudo funcione de modo adequado.

Fourier pensava na forma de uma “árvore das paixões”: o tronco seria o uniteísmo, isto é, uma síntese harmônica das doze paixões. Deste tronco se ramificariam três galhos: o primeiro, composto por cinco ramos, um para cada *sentido* (cada um deles compreendido como uma paixão); o segundo, composto por quatro ramos das *paixões afetivas* (amizade; amor; ambição; parentesco ou familismo); o terceiro, composto por 3 ramos das paixões distributivas: a *Cabalista*, compreendida como o cálculo das combinações; a *Borboleta* (ou *Alternante*), que se caracteriza pela constante mudança; e a *Composta*, compreendida como a mais bela das doze

paixões, que coroa todas as demais.

Segundo Fourier, todas essas paixões agem em cada ser humano, temperando-se e constituindo um caráter. Ainda assim, haveria indivíduos que são guiados por uma única paixão (embora experimentem todos os tipos), chamados por ele de “monóginos” ou “solítonos”, bem como indivíduos guiados por múltiplas paixões, que ele denominou “políginos” ou “polítonos”. Engana-se quem pensar que viver com base nas paixões seria um desvario; segundo ele, as paixões tendem naturalmente à harmonia. No tomo X de sua “Obra Completa” (na versão publicada em 1851), lemos na página 59: “Que o indivíduo siga em direção ao bem, entregando-se cegamente às suas paixões”.

Apesar deste esforço de conceber uma antropologia singular a partir dos tipos passionais, Fourier desenvolveu aquele que seria seu conceito central, ou *pivô*: a atração passional. Somos movidos pelas paixões, que nos levam a produzir vínculos com o mundo e com as outras pessoas. Por essa razão, o filósofo vê o ser humano como ser coletivo, social por natureza.

Para Fourier, o grupo é uma organização natural dos indivíduos, no contexto da harmonização das paixões de cada um. Um grupo é formado por sete a nove indivíduos, de diferentes idades, riquezas, inteligência, mas com paixões comuns. Uma observação importante: precisamos distinguir os grupos harmônicos dos “grupos subversivos”, que caracterizam a Civilização, que se unem não pelas paixões, mas por interesses particulares. Os grupos, por sua vez, articulam-se com outros grupos, formando séries de grupos. Várias séries de grupos formarão uma *falange*, reunião harmônica de indivíduos com distintas características e diferentes paixões, articulados em uma sociedade comum. Como são 810 os tipos de caráter, o ideal é que uma falange seja formada por 1620 pessoas, ao menos um homem e uma mulher de cada caráter, para que ela possa conter toda a multiplicidade humana e organizar-se de forma harmoniosa.

Na sociedade preconizada por Fourier, cada falange construiria um *falanstério*, contendo uma porção de terra e uma edificação que atendesse a todas as necessidades de produção e de conforto para seus habitantes, sendo autossuficiente e autogovernado. O próprio Fourier, com um grupo de seus discípulos, tentou construir, sem sucesso, um falanstério na França. Depois de sua morte algumas experimentações sociais com base em suas ideias seriam construídas em várias partes do mundo.

É na vida da falange no falanstério que se praticaria a educação harmoniana, tal como pensada por Fourier. Percebe-se que seu pensamento produz uma articulação entre indivíduo e grupo, que não pende para nenhum dos dois lados, mas também não prescinde de qualquer um deles. Só há indivíduo no grupo e só há grupo por conta dos indivíduos que o constituem. Este ponto é central em seu pensamento educativo: é sempre o indivíduo que se educa, segundo suas atrações passionais, mas é apenas no grupo e com o grupo que ele pode se educar. Outro aspecto importante: o processo educativo não é pensado pela sociedade e imposto ao indivíduo para que seja educado segundo princípios e objetivos que vêm do grupo, da sociedade, como estamos acostumados na Civilização (e que podemos identificar como um dos aspectos da tutela dos adultos sobre as crianças); ao contrário, o processo educativo é escolhido e definido por cada indivíduo, que o realiza na relação com o(s) grupo(s) de que participa. Trata-se, de fato, de uma *autoformação*. Não pensemos, porém, que se trata de uma forma de “egoísmo”, de ter tudo centrado no individual; no complexo pensamento de Fourier, no qual cada indivíduo compõe com outros indivíduos formando grupos sociais, a autoformação de cada um torna-se uma peça na constituição do próprio tecido social, visto que as redes de atrações passionais diversas articulam-se para formar o conjunto populacional.

Para Fourier, a infância não é uma fase “preparatória” do ser humano para se tornar adulto, assim como a velhice não pode ser vista como uma preparação para a morte. O humano vive e movimenta-se através das múltiplas atrações passionais, experimentando diferentes períodos segundo suas características próprias, sem hierarquias entre estes períodos, mas sempre de forma integrada com o conjunto social. Pensou uma “educação harmônica” das crianças, um processo no qual elas não estariam submetidas aos adultos, a objetivos de formação alheios aos seus próprios desejos. Obedeceriam a uma única ordem hierárquica: a de que, entre as crianças de diferentes idades, as mais novas aprenderiam com as mais velhas, essas servindo como princípios de atração dos desejos daquelas.

São três os objetivos a serem perseguidos na educação das crianças: o desenvolvimento do vigor (saúde); o desenvolvimento da destreza (física e mental); o desenvolvimento da instrução

(intelectual). Para a sua realização, as crianças deveriam ser deixadas em absoluta liberdade, na relação com outras crianças, experimentando seus desejos e seguindo as leis da atração passional. Fourier organizou as idades infantis (do nascimento até os 20 anos) em nove “tribos”. A essas tribos correspondem cinco períodos educativos: prelúdio ou “educação material” (0 a 2 anos); primeira fase ou “educação anterior” (2 a 4,5 anos); segunda fase ou “educação ceterior” (4,5 a 9 anos); terceira fase ou “educação ulterior” (9 a 15 anos); quarta fase ou “educação posterior” (15 a 20 anos). Não podemos deixar de notar aqui os ecos do pensamento de Rousseau, ainda que o processo seja muito distinto.

Educação é essencialmente movimento regido por dois princípios: o trabalho e a atração passional. Trata-se de uma educação essencialmente prática, na qual a criança aprende fazendo, trabalhando, modulando seus esforços de acordo com suas capacidades e sendo livremente atraída para as áreas de seu interesse, movida exclusivamente por seu desejo. O desenvolvimento dos gostos das crianças se faz pelo estímulo, expondo-as às múltiplas possibilidades que a natureza e a sociedade oferecem. Fourier chama isso de “semeadura de paixões”: as possibilidades são lançadas, e depende exclusivamente das atrações de cada criança para que elas germinem ou não, nada é imposto. Cada uma escolhe seus caminhos e vai construindo e transformando seu aprendizado de acordo com seus interesses e desejos, materiais e intelectuais. A fantasia será sempre estimulada entre as crianças, de modo a que elas participem da maior quantidade de séries possível, alargando seus horizontes de aprendizado e de possibilidades.

Considerações finais

O que aprendemos com Fourier para pensar a educação das crianças de nosso tempo, tão longe de sua sonhada Harmonia?

Destaco dois aspectos, interrelacionados. De um lado, a perspectiva de que o processo educativo é absolutamente singular, cada criança traça seu próprio percurso, ainda que o faça em meio a outras crianças. A educação é uma autoformação, uma formação de si mesmo, mas ainda assim totalmente articulada com o social. O que move esse percurso são as atrações passionais, que bem poderíamos aproximar do conceito de agenciamentos maquímicos de desejo, pensado por Deleuze e Guattari, o que faz com que o processo educativo seja, necessariamente, ao mesmo tempo individual (singular) e coletivo, posto que é vivido no grupo. De outro lado, a ideia de que a criança se educa de forma livre, sem imposição dos adultos. A infância emancipada pensada por Fourier faz com que crianças e adultos convivam em igualdade política, no exercício de suas diferenças radicais. É a multiplicidade que permite a construção de projetos comuns, que não apagam as diferenças, mas as confirmam e as estimulam.

Talvez possamos pensar que a plena realização desta educação só seria possível na sociedade pensada por Fourier; mas, por certo, essas ideias podem tensionar radicalmente os modos de educar que hoje praticamos.

Referências

DEBOUT, Simone. *L'utopie de Charles Fourier*. Paris: Les Presses du Réel, 1998.

DELEUZE, Gilles ; GUATTARI, Félix. *Mille Plateaux*. Paris: Minuit, 1980.

FOURIER, Charles. *Le nouveau monde industriel et sociétaire*. Paris: Les Presses du Réel, 2001.

FOURIER, Charles. *Théorie de l'unité universelle (vol. 1 et 2)*. Paris: Les Presses du Réel, 2001.

FOURIER, Charles. *Théorie des quatre mouvements et des destinées générales*. Paris: Les Presses du Réel, 2009.

FOURIER, Charles. *La fausse industrie*. Paris: Les Presses du Réel, 2013.

FOURIER, Charles. *Le nouveau monde amoureux*. Paris: Les Presses du Réel, 2013.

SCHÉRER, René. *Charles Fourier ou la Contestation globale*. Paris: Séguier, 1996.

SCHÉRER, René. *Charles Fourier, l'ordre subversif* (avec Jean Goret). Paris: Aubier, 1972.

SCHÉRER, René. *Pari sur l'impossible. Études fouriéristes*. Saint-Denis: Presses Universitaires de Vincennes, 1989.

SCHÉRER, René. *L'Écosophie de Charles Fourier*. Paris: Economica, 2001.

SCHÉRER, René. *Vers une enfance majeure*. Paris: La Fabrique, 2006.